

A CIDADE (RES)SIGNIFICADA: A IDEOLOGIA DE MODERNIZAÇÃO DE CUIABÁ NO PERÍODO PÓS-DIVISÃO DO ESTADO DE MATO GROSSO*

Nathália da Costa Amedi

Universidade Federal de Mato Grosso

Resumo:

Este artigo é resultado parcial do projeto de mestrado, que trata dos discursos de modernização forjados sobre a cidade de Cuiabá, capital de Mato Grosso, no contexto da pós-divisão do Estado em 1977, pelos diferentes espaços de formação de opinião pública: governo, imprensa, academia e associações representativas. Com a divisão do Estado de Mato Grosso e o desmembramento da parte sul do seu território em 1979, Cuiabá se viu diante de um grande desafio: encontrar a sua vocação. O objetivo, naquele momento, era encontrar os caminhos para sair da “estagnação”, do “atraso” e do “isolamento” que parecia viver Mato Grosso e sua capital. Se anteriormente à divisão do Estado, o objetivo de Cuiabá era manter sua condição de capital, passada essa fase, o desafio era transformar a cidade de passado colonial numa “nova capital”, moderna e digna de representar um “novo Estado”. Mas para lançar mão desse ideal e fazer as modificações na materialidade da cidade, seria necessário construir um discurso, vinculado a uma elite política e intelectual, de forte viés ideológico que fosse capaz de produzir nas pessoas uma necessidade, que transformada em desejo se confundiria com um anseio social, levando-as à ação. Este artigo pretende, a partir das proposições do crítico literário Terry Eagleton, no livro *A ideologia da estética*, analisar a ideologia presente nos discursos de modernização da cidade de Cuiabá no pós-divisão do Estado de Mato Grosso, por meio de duas revistas comemorativas do aniversário de Cuiabá, *Cuiabá 259*, de 1978 (anterior a divisão do Estado) e *Cuiabá 260: início, meio ou fim?*, de 1979 (posterior a divisão), tendo como mote de fundamentação o conceito de cultura. Concluímos observando que, no final da década de 1980, um discurso preservacionista de valorização e “resgate” da cultura e da identidade cuiabana foi empreendido por artistas, intelectuais com aval do Estado de Mato Grosso e do município. Percebe-se uma tentativa de apropriação da cultura popular mato-grossense por uma elite, dando uma característica moderna a essa cultura, mas sem perder o viés da tradição, principalmente, no campo das artes plásticas. A partir daí um jeito de “ser” cuiabano será difundido, consumido e comercializado nas mais diversas formas e materiais, como bens de consumo e com a chancela cultural regional.

Palavras-chave: Cuiabá/MT; Ideologia; Modernização

Abstract:

This article is a partial result of my project of Masters Degree, which analyses the discourses of modernization produced about the city of Cuiaba, capital of Mato Grosso, in the context of post-division of the State in 1977, by the different spaces of public opinion formation: government press, academia and associations. With the division of the State of Mato Grosso and the dismemberment of the Southern part of its territory in 1979, Cuiaba was faced with a big challenge: finding its vocation. The goal at that time was to find ways to get out of "stagnation," the "backwardness" and "isolation" that seemed to live in Mato Grosso and in its capital. If before the division of the State, in order to maintain their condition in Cuiaba capital, after this phase the challenge was to transform the city from a colonial past to a "new capital", modern and worthy of representing a "new State". But to use this ideal and make modifications in the materiality of the city, it would be necessary to construct a discourse linked to a political and intellectual elite, one of strong ideological purpose, that was able to produce in people a need, which, turned into desire, would be confused with a social interest, leading them to action. Starting from Terry Eagleton's proposals, especially in *The ideology of aesthetics*, this paper aims at analyzing the discourses and the ideology of modernization present in the city of Cuiaba in the post-division of the State of Mato Grosso, through two commemorative magazines of the anniversary of Cuiaba, *Cuiaba 259*, from 1978 (before the division of the state) and *Cuiaba 260: beginning, middle or end?*, from 1979 (after the division), which origin was linked to the concept of culture. We conclude by noting that in the late 1980's, a speech of preservation and "rescue" of "cuiabana identity" was appropriated by artists, intellectuals guaranteed by the State of Mato Grosso and the municipality. It can be noted an attempt of appropriation of popular culture of Mato Grosso by an elite, giving a characteristic to this as "modern culture", but without losing the purpose of tradition, especially in the field of fine arts. From this point on, a way of "being" cuiabano will be distributed and consumed in various forms and materials, as goods of consume and with the idea of regional culture.

Keywords: Cuiaba/MT; Ideology; Modernization.

Repentinamente dissociada de suas ligações com o sul do país, Cuiabá vê-se num momento em que, como reflexo imediato da divisão do Estado de Mato Grosso, ficou numa grave encruzilhada: conhecer a sua vocação. Envolvida em problemas urbanos da atualidade, é uma cidade que contempla a tão próxima e ao mesmo tempo longínqua Amazônia, que teima em não ser conquistada por outro caminho que não seja o mais natural: através de Cuiabá.ⁱ

Com a divisão do Estado de Mato Grosso e o desmembramento da parte sul do seu território em 1979, Cuiabá se viu diante de um grande desafio: encontrar a sua vocação. O objetivo, naquele momento, era encontrar os caminhos para sair da “estagnação”, do “atraso” e do “isolamento” que parecia viver Mato Grosso dividido e sua capital.ⁱⁱ

Era urgente, nesse contexto, a definição de uma “nova capital”, cidade-símbolo do “novo Mato Grosso”, e quebrar “a postura contemplativa da cidade que teimou em permanecer 260 anos esperando que alguma coisa acontecesse”.ⁱⁱⁱ Sendo Cuiabá a porta de entrada para a ocupação da Amazônia, havia chegado o momento da criação de uma nova cidade^{iv} para fazer frente a sua inimiga histórica – Campo Grande^v, capital do recém-criado Estado do Mato Grosso do Sul, uma cidade que se intitulava como “moderna”, “limpa”, “industrializada”, “nova” e que se apresentava como o contraponto de Cuiabá: rotulada de “suja”, “velha”, “atrasada” – uma cidade com fortes marcas do período colonial. O discurso adotado na década de 1970 era modernizar para não estagnar.

Poderíamos afirmar que essa vocação que a cidade buscava um ideal de desenvolvimento e de progresso, o que fatalmente incidiria sobre a revitalização/restauração da materialidade da cidade (obras de modernização, verticalização, abertura de avenidas e construção de viadutos, etc.). Interessante que a palavra vocação passa a ideia de uma cidade que teria uma “aptidão natural” ou um talento, como um sujeito com alguma “habilidade”, “tendência” ou “qualidade” característica. Essa mudança no corpo material da cidade não modificaria somente seu aspecto físico e visual, a sua aparência, mas se manifestaria também e, principalmente, nas pessoas, nos sujeitos da cidade – nas suas formas de sentir e viver a cidade.

As ações voltadas para a modernização de Cuiabá, no período após 1964, devem-se a política desenvolvimentista do governo militar. Política esta que buscava facilitar um maior aprofundamento das relações capitalistas em território brasileiro. Segundo Márcia Bomfim, por meio do estudo de Renato Ortiz, “o ano de 1964 foi visto, tanto por economistas quanto pelos cientistas políticos, como o momento de reorganização da economia brasileira que cada vez mais se inseria no processo de internacionalização do capital”.^{vi}

Para a autora, o modelo de desenvolvimento proposto pelo regime militar tinha as seguintes características: concentração de renda, crescimento do parque industrial, criação do mercado interno, em contraposição ao mercado exportador, desenvolvimento desigual das regiões, concentração da população em grandes centros urbanos. Este modelo de desenvolvimento pretendia reorganizar a sociedade brasileira como um todo.

Portanto, entende-se a modernização que ocorreu em Cuiabá, ao longo dos anos 60 e 70, como produto do processo de expansão capitalista sob o controle político do regime militar. Cuiabá figurou nesse processo como cidade estratégica para a política desenvolvimentista do Governo Federal, inserindo-se na movimentação de capitais para a Amazônia. O papel da cidade seria o de eixo de passagem dos fluxos migratórios. Um entreposto pelo qual os colonos, que chegariam ao norte do país para colonizar o imenso vazio, teriam de passar.^{vii}

Enquanto a cidade era dotada de infraestrutura, para ajudar na circulação de pessoas, mercadorias e capital, um discurso também era produzido na imprensa. Nesse discurso, as transformações eram compreendidas como sinais de desenvolvimento e de progresso, que fariam de Cuiabá em pouco tempo um centro importante do país. O modelo ambicionado era o de cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, que ocupavam a posição de centros econômicos, políticos e culturais do país.^{viii}

Cuiabá como objeto de estudo

A cidade de Cuiabá, capital de Mato Grosso, tem sua origem na colonização da região Centro-Oeste através das bandeiras ou monções paulistas. Sua fundação^{ix} se deu basicamente em razão da descoberta de ouro na região. Dos tempos da mineração no século XVIII, a Cuiabá atual não lembra muito o arraial que teve seu início na exploração do metal precioso, a não ser pelo traçado de suas ruas tortuosas na região do Porto devido ao processo espontâneo de sua constituição como núcleo urbano, característica das cidades coloniais portuguesas mineradoras: “formada irregularmente segundo a necessidade e os caprichos da mineração”.^x

No começo do século XX, a comemoração do bicentenário da cidade foi um evento importante no processo de modernização da cidade. A esperança da chegada “da civilização e do desenvolvimento econômico” com a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil marcou aquele novo momento da história da capital de Mato Grosso.^{xi}

A passagem do bicentenário foi propícia para acrescentar mais alguns elementos e símbolos ao ideário da tradição, caros aos mato-grossenses “legítimos”. Dessa forma, segundo Lyliá Guedes Galetti,

tem início um movimento em torno da criação ou retomada de símbolos, alguns sepultados desde o período colonial, que, sob nova roupagem, fossem capazes de produzir uma identidade comum a todos os mato-grossenses. Assim, datam desse momento a composição do Hino do Estado de Mato Grosso e a recriação do seu Brasão de Armas, insistentemente utilizados, durante os anos posteriores ao bicentenário, nas festas cívicas, nas publicações oficiais ou não, nas representações do estado, nas exposições nacionais e internacionais, ou em qualquer ato público dali por diante.^{xiii}

Nas décadas seguintes, durante o governo de Getúlio Vargas – principalmente no Estado Novo, as políticas nacionais de expansão da fronteira agrícola nas regiões Norte e Centro-Oeste tiveram início e transformaram as paisagens desses espaços com a formação de novos núcleos urbanos.^{xiii}

O primeiro movimento promovido para a ocupação e colonização das terras mato-grossenses ficou conhecido como *Marcha para o Oeste*, no governo de Getúlio Vargas, a partir de 1937. O objetivo era fazer com que as fronteiras econômicas e políticas convergissem povoando os chamados “espaços vazios”, integrando territorialmente essa região à nação. A meta era incentivar a migração de pessoas do Centro-Sul para essa região do país, o que iria ocorrer de forma mais acentuada durante o Regime Militar (1964-1985).

Um dos grandes propagandistas do governo de Vargas e seu regime, o escritor Cassiano Ricardo, publicara, em 1940, uma obra de grande repercussão nacional intitulada *Marcha para Oeste: a influência da bandeira na formação social e política do Brasil*.^{xiv} Este autor foi um dos grandes intelectuais responsáveis por produzir um conhecimento sobre as bandeiras como a gênese do Estado Novo.

De acordo com Cassiano Ricardo, fazia-se necessário preencher os “vazios demográficos” para explorar todas as suas possibilidades. Dessa forma, era preciso que novas bandeiras se organizassem para ocupar o Brasil Central^{xv} – marchar para o Oeste seria uma necessidade para o Brasil.

Ontem, eram os bandeirantes só os que partiram do planalto de Piratininga seus subfocos de irradiação; hoje são todos quantos tomam parte na nova marcha destinada a preencher os vazios demográficos regiões que pedem “novos bandeirantes equipados de nova técnica” para o seu melhor aproveitamento econômico e social... as duas palavras “bandeirismo” e desenvolvimento se justapõem.^{xvi}

O sentido que o autor atribuía à “Marcha para Oeste” varguista era de que ela se constituiu no movimento do país que caminhava para dentro, em busca de si mesmo e de sua nacionalidade.

O resultado da “Marcha para Oeste” incentivou o surgimento de novas cidades a partir das colônias agrícolas. A intensa propaganda do governo sobre estas colônias proporcionou um grande fluxo migratório de pessoas do Centro-Sul do país, principalmente de trabalhadores rurais. Para absorver o excedente populacional das outras regiões do país foi criada uma nova estratégia de destinação de terras pela colonização pública e privada.

Neste contexto, Cuiabá começou a passar por reformas urbanas e a vivenciar “o sonho de modernidade”.^{xvii} As primeiras obras de modernização da cidade vão ocorrer no século XX, a partir do final dos anos 30 e início dos anos 40. Podemos citar nessa época a abertura da Avenida Getúlio Vargas e as chamadas “Obras Oficiais”: A construção da Casa dos Governadores, o Hotel Central, o Cine Teatro Cuiabá e outros prédios da administração estadual. Essas obras de expansão da cidade ocorreram majoritariamente no governo do presidente Getúlio Vargas (1930-1945).

A intensificação da política governamental de ocupação da Amazônia, a partir dos anos 60 e 70, além do avanço da fronteira agrícola para o norte do Estado, implicou no crescimento populacional acelerado da capital de Mato Grosso, praticamente dobrando de número a cada década, provocando a “degradação dos serviços públicos e da qualidade de vida”.^{xviii} A cidade precisava crescer e se adequar àquela nova realidade migratória. A velha cidade de características coloniais precisava ceder espaço para uma nova cidade moderna que atendesse aos interesses da expansão capitalista.^{xix}

Segundo Suzana Guimarães, no caso de Cuiabá, embora se encontrasse num processo gradativo de ocupação e urbanização, em função da política desenvolvimentista iniciada na década de 50, esse espaço ainda se caracterizava pelo atraso econômico e por sua dependência política em relação ao Sudeste do país.^{xx}

Foi, portanto, com mudanças importantes no campo econômico, político e cultural, entre as décadas de 60 e 80 – a crescente industrialização e internacionalização da economia brasileira sob controle do estado, a construção de Brasília e a implementação do sistema viário intensificando o processo de ocupação regional nas regiões Norte e Centro-Oeste, especificamente, o Norte de Mato Grosso e a Amazônia meridional – que foi possível a incorporação dessas áreas de produção agrícola ao sistema internacional do trabalho.^{xxi}

No Plano de Integração Nacional (PIN), forjado pela política de Segurança Nacional do governo militar, o lugar para Mato Grosso no mapa da nação estava limitado às conseqüências da implementação da ideia geral de ocupar, colonizar, povoar o vazio, ou seja, qualquer espaço ainda não integrado ao modo de produção capitalista.^{xxii}

Cuiabá, hoje uma cidade que vislumbra o seu tricentenário, emerge como capital do Estado considerado grande expoente do agronegócio brasileiro. Nos últimos trinta anos, Mato Grosso tem se posicionado no *ranking* nacional como o maior produtor de grãos. Esse cenário começou a se constituir a partir anos 70 e 80, em grande parte por conta do processo migratório incentivado pelo PIN, elaborado pelo governo militar brasileiro.^{xxiii}

A partir da década de 80, Cuiabá conheceu as mais altas taxas de crescimento populacional de sua história, com o índice de 136,25%, perceptível pela expansão do seu sítio urbano sobre as áreas periféricas, além do rápido crescimento vertical, que vem modificando radicalmente a sua paisagem urbana.^{xxiv}

Diante dessas considerações a respeito de nosso objeto de estudo, propomos analisá-lo tendo como referencial teórico a estética, espécie de ideologia da classe média, convocada sempre que necessário para garantir a hegemonia desta classe social. A partir das ideias do crítico literário Terry Eagleton, no livro *A ideologia da estética*, nos propomos analisar a ideologia presente nos discursos de modernização da cidade de Cuiabá no pós-divisão do Estado de Mato Grosso, por meio de duas revistas comemorativas do aniversário de Cuiabá, *Cuiabá 259*, de 1978 (anterior a divisão do Estado) e *Cuiabá 260: início, meio ou fim?*, de 1979 (posterior a divisão), tendo como mote de fundamentação o conceito de cultura.

A cidade de Cuiabá e seu “sonho de modernidade”: a produção de um desejo

Cuiabá passou por diferentes fases de modernização, como relatamos anteriormente, vivenciando um longo processo de mudanças nos aspectos físicos da cidade, mas também e, principalmente, uma transformação nas formas de as pessoas a vivenciarem. Poderíamos mesmo dizer de senti-la. Quando se modifica a materialidade de uma cidade – ou o seu corpo – isto não interfere somente naquilo que ela tem de palpável, mas também nas sensações e afetos que as pessoas têm por ela e sua forma, levando a uma mudança de comportamento social. E para que essas pessoas não sejam um entrave às mudanças é necessário convencê-las quanto a sua “inexorabilidade”.

Se anteriormente à divisão do Estado, o objetivo de Cuiabá era manter sua condição de capital, passada essa fase, o desafio era transformar a “velha cidade” de passado colonial numa “nova capital”, moderna e digna de representar um “novo Estado”. Mas, para lançar mão desse ideal e fazer as modificações na materialidade da cidade, seria necessário produzir nas pessoas uma necessidade, que seria transformada em desejo e que, com o passar do tempo, se confundiria com um anseio popular, levando-as à ação.

O anseio por um futuro moderno – o progresso e o desenvolvimento – vem acompanhado de uma condição de espera do cuiabano, como bem abordou Fernando Tadeu de Miranda Borges, em seu livro *Esperando o Trem: sonhos e esperanças de Cuiabá*^{xxv}. Nesta obra, o autor apresenta um estudo sobre a espera de Cuiabá por um trem que nunca chegou a essas paragens, mas que alimenta de esperança um futuro em que o sonho se torna realidade. A estrada de ferro simbolizava o progresso para essa região, um sonho acalentado, mas ainda não realizado, e que marca até hoje a elite política e letrada de Cuiabá.

Segundo Terry Eagleton, em *A ideia de cultura*, nenhum poder pode se manter satisfatoriamente por meio de simples e pura coerção. Para assegurar o consentimento daqueles que governa é necessário

conhecê-los mais intimamente do que sob a forma de um conjunto de gráficos ou tabelas estatísticas. Já que verdadeira autoridade envolve a internalização da lei, é na própria subjetividade humana, em toda a sua aparente liberdade e privacidade, que o poder procura se incutir. Para governar com sucesso, portanto, precisa compreender os homens e mulheres no que diz respeito a seus desejos e aversões secretos (...). Se pretende regulá-los a partir de dentro, precisa também imaginá-los a partir de dentro. E nenhuma forma cognitiva é mais apta em mapear as complexidades do coração do que a cultura (...).^{xxvi}

O eurocentrismo como uma “visão de mundo” que tende a colocar a Europa (sua cultura, seu povo e sua língua) como centro fundamental da sociedade moderna, ou a crença de que o modelo de desenvolvimento europeu-ocidental seja uma fatalidade (desejável) para todas as sociedades e nações, como querem alguns, pode ser interessante para pensar como esse “paradigma” ou “ideologia”^{xxvii} de pensamento pode ter vinculações com a produção do discurso de modernização da cidade de Cuiabá.

A hegemonia da classe média é o projeto que move a estética. E nada melhor do que a cultura, essa esfera social ativa e íntima do indivíduo, para poder lançar os seus apelos internalizando a lei na subjetividade humana.

Michael Hardt e Antonio Negri, no livro *Império*^{xxviii}, ao analisar a questão da soberania moderna, um conceito europeu que surge na evolução da própria modernidade e

é intrínseca a ela, afirmam que esta noção funcionou como pedra angular da construção do eurocentrismo.

Apesar de a soberania moderna ter emanado da Europa, ela nasceu e se desenvolveu em grande parte por intermédio das relações da Europa com o exterior, e particularmente por intermédio do seu projeto colonial e da resistência do colonizado. A soberania moderna surgiu, portanto, como o conceito da reação europeia e da dominação europeia tanto dentro como fora de suas fronteiras. São duas faces complementares, e de igual duração, de um mesmo desenvolvimento: domínio dentro da Europa e domínio europeu sobre o mundo.^{xxix}

O eurocentrismo se coloca como referência e, portanto, define o que é central do que é periférico e o que é isolado no mundo. Este discurso está altamente vinculado ao capital e à época do colonialismo e da crise da modernidade.

A crise da modernidade, segundo os autores, tem desde o seu início uma relação íntima com a subordinação racial e a colonização. Enquanto internamente o Estado-nação e “suas simultâneas estruturas ideológicas” trabalham esforçadamente para produzir e reproduzir a pureza do povo, do lado externo o Estado-nação é uma máquina que produz Outros, criando diferenças raciais e construindo fronteiras que “delimitam e sustentam o sujeito moderno da soberania”.

Essas fronteiras e barreiras regulam os fluxos de mão dupla entre a Europa e seu lado de fora – América, África e Ásia. O conflito racial atua dentro da modernidade europeia e faz parte do sintoma da crise constante que define a soberania moderna. Em outras palavras, “a colônia está em oposição dialética à modernidade da Europa, com seu sócio necessário e seu irreprimível antagonista”.^{xxx}

De que forma, portanto, isto ocorreu?

Existe na base da moderna teoria, entretanto, outro elemento importante – um conteúdo que preenche e sustenta a forma da autoridade soberana. Esse conteúdo é representado pelo desenvolvimento capitalista e pela afirmação do mercado como fundamento dos valores da reprodução social. Sem esse conteúdo, que é sempre implícito (...) a forma de soberania não teria sobrevivido na modernidade, e a modernidade europeia não teria alcançado posição hegemônica em escala mundial. Como notou Arif Dirlikm o eurocentrismo se distinguiu de outros etnocentrismos (...) e alcançou proeminência global principalmente porque foi apoiado pelos poderes do capital.^{xxxi}

Como observa os autores, esse processo de expansão do capitalismo não foi um processo uniforme. Em várias regiões e em diferentes populações o capitalismo desenvolveu-se de forma desigual. Como exemplo, podemos citar a própria produção

escrava colonial do século XVIII a meados do XIX, que ocorre dentro do desenvolvimento complexo do capital.

O eurocentrismo como uma “visão de mundo”, que tende a colocar a Europa (sua cultura, seu povo e sua língua) como centro fundamental da sociedade moderna ou a crença em um modelo de desenvolvimento europeu-ocidental desejável para todas as sociedades e nações tem um forte apelo e vinculação à classe média dos Estados-nações colonizados que para manter a sua hegemonia se utiliza da estética como uma ideologia para manutenção do poder.

Para tentar dar um exemplo de como o poder atua, no sentido de produzir uma necessidade, que se transformaria em desejo popular, analisamos este processo de modernização da cidade no pós-divisão, ou seja, de reordenamento dos discursos sobre o papel e a vocação da capital de Mato Grosso. O que não significa uma relação de cima para baixo, mas uma relação de interação entre grupos, de forma dialética.

Nesse sentido, observemos o que afirma o editorial da revista *Cuiabá* 259, publicação comemorativa do aniversário da cidade, do ano de 1978:

Completando agora 259 anos de existência, [Cuiabá] está no último ano como capital de Mato Grosso, uma vez que no próximo ano o Estado estará definitivamente dividido e terá surgido mais uma unidade da federação na parte sul. (...) Tudo isto nos levou a este empreendimento jornalístico visando documentar o grau de desenvolvimento da “eterna capital”. (...) Esperamos que nossa pretensão de mostrar, numa linguagem clara e objetiva o sentido e o significado da existência de uma cidade, com suas realizações, seu progresso e seus obstáculos, principalmente aqueles causados pelo repentino surto desenvolvimentista, seja entendida por todos.^{xxxii}

A partir dessa citação, poderíamos fazer as seguintes perguntas: Por que o poder tem necessidade de dar inteligibilidade sobre o significado de existência de uma cidade?^{xxxiii} A quem eles estão se dirigindo? Documentar o grau de desenvolvimento da cidade, fazendo um balanço das ações e dos desafios, poderia não chamar muita atenção, pois qual o motivo do poder ter que justificar suas ações ou explicá-las?

O poder para se tornar hegemônico, sem um alvo a quem lançar seus apelos, não seria eficaz. E a educação, a pedagogização, é uma estratégia importante neste sentido.

Dando continuidade a leitura da referida revista, que trata das mudanças que estão ocorrendo na cidade, destacamos o seguinte fragmento:

Há alguns meses, quando o Diário Oficial do Estado publicou que a Igreja Nossa Senhora do Despacho, também chamada do Seminário – seria tombada pelo Patrimônio Histórico Nacional, O Senhor Lenine Póvoas, presidente da Fundação Cultural de Mato Grosso, andou recebendo furiosos telefonemas de

pessoas que confundiram tombamento com demolição e ameaçavam remover céus e montanhas para impedir o desaparecimento de mais um monumento histórico da cidade. Essa preocupação é plenamente justificada, porque, exceto as igrejas que já passaram ou vão passar por reformas, resta muito pouco da bicentenária Cuiabá. O desaparecimento de vários monumentos históricos é o preço que a cidade está pagando pelo progresso. A necessidade de alargar ruas, de modernizar a cidade, o “boom” imobiliário faz Cuiabá sofrer completa metamorfose, perdendo as características que conservou durante mais de dois séculos. A avenida Getúlio Vargas é o mais vivo exemplo da avassaladora febre do progresso. Para dar vazão ao crescente número de carros que trafegam diariamente pela cidade, a modesta rua foi transformada em monumental avenida, orlada de grandes edifícios^{xxxiv}.

Neste fragmento da revista percebemos uma questão: a necessidade de informar às pessoas que o tombamento não é demolição, mas restauração. Algo mais que necessário para uma cidade que necessita se modernizar e se tornar “a frente avançada para a conquista da Amazônia”. Contudo, os telefonemas para o Sr. Lenine Póvoas tinham outro motivo que deixou marcas profundas na memória do povo cuiabano: a demolição da Catedral Bom Senhor Jesus de Cuiabá, em 1968, e a construção da Catedral Metropolitana no mesmo espaço. Essa Igreja Matriz teve uma grande importância na constituição do ambiente urbano da cidade, ficando marcada na memória do cuiabano como um de seus símbolos.

A arquiteta e historiadora Ludmila Brandão, na obra *A Catedral e Cidade*, estuda o movimento citadino preservacionista presente em Cuiabá que se constituiu na experiência da demolição da antiga Catedral, em 1968, e que a partir desta experiência dolorosa iria se organizar para a proteção e valorização do patrimônio histórico da cidade:

a força simbólica da “primeira grande perda”, incorporada na memória coletiva, [...] produz esse “estado de alerta” e possibilita uma mobilização de setores da sociedade civil em defesa de seu patrimônio, tão logo seja ele novamente ameaçado ou atingido. É o acionamento dessa memória que impele à ação.^{xxxv}

Outro trecho da revista *Cuiabá 259*, versando sobre o “Perigo de massificação”, pode nos dar uma ideia de como isso se processa na relação das pessoas com a cidade:

O desaparecimento do costume do uso de redes, a substituição das casas de telhados altos (confortáveis para o forte calor local) por modelos residenciais importados do Centro-Sul (sempre fechadas para que a máquina refrigere o ambiente) e a troca do hábito saudável de se tomar o guaraná [ralado] ou refrescos de frutas típicas da região pelo cafezinho ou refrigerantes artificiais (em todo o Brasil, o maior consumo per capita de Coca-Cola pertence a Cuiabá), demonstram com facilidade o que isto vem causando no comportamento dos moradores locais. “Cuiabá passou a ser apenas uma extensão da sociedade de consumo, e já não cuida mais dos seus pobres como fazia antigamente, nem tem mais áreas verdes como possuía, e sofre uma alteração no seu microclima ainda não avaliada, mas de fortes reflexos sociais, já que não existe uma ocupação ecológica de seu espaço vazio que é ocupado sem

que novas árvores sejam plantadas, afirma o sociólogo da Universidade Federal (...).^{xxxvi}

E prossegue destacando os problemas que isso pode gerar com a mudança de comportamento da população cuiabana:

Este comportamento deve ser analisado com profundidade para que sejam evitados graves problemas mais tarde, como a “institucionalização da hospitalidade cuiabana em hotéis, meios de comunicação e repartições públicas ou privadas, onde ela é paga em dinheiro e não com a troca de informações e carinho muito comum até pouco tempo atrás”, segundo João Vieira.^{xxxvii}

Ora, evidenciamos aí uma preocupação de como essa sociedade vai adquirindo hábitos próprios de uma sociedade de consumo e como isso pode interferir nos costumes e no comportamento das pessoas. Poderíamos dizer na própria mudança da cultura local. Terry Eagleton nos fala sobre uma mudança que passa a operar na sociedade moderna quando a prática cultural deixa de ter relevância social, sendo rebaixada a produção de mercadorias. E isso coincide com a emergência da estética como uma categoria teórica que passa a ser articulada ao processo material pelo qual a produção cultural ganhou “autonomia” na sociedade burguesa incipiente.

Uma vez que os objetos se tornam bens de consumo no mercado, existindo para nada e para ninguém em particular, eles podem ser racionalizados – falando-se ideologicamente – como existindo inteiramente e gloriosamente para si-mesmos.^{xxxviii}

Percebemos que ao mesmo tempo em que há uma preocupação com a mudança de comportamento da sociedade, tem-se uma necessidade de dar inteligibilidade para o que está se processando. Porque por mais que a ideia de autonomia, um modo de ser autorregulado e autodeterminante, é algo próprio da classe média, totalmente vinculada a essa sociedade de consumo, ela não pode chegar ao nível de escapar ao controle político. Como nos lembra Terry Eagleton, “dar um significado novo aos prazeres e impulsos do corpo, mesmo que só com o propósito de colonizá-los, corre-se o risco de intensificá-los ou enfatizá-los para além de um controle possível”.^{xxxix}

Para que o poder seja eficaz e se fundamente nas sensibilidades dos sujeitos é imprescindível um ambicioso programa de educação e transformação moral, como observa Terry Eagleton. Por isso que a burguesia nascente do *ancien regime* é tão preocupada com a virtude – com o hábito do comportamento moral. Como o sentimento é algo volátil há a necessidade de construir formas de subjetividades constantemente. É o que propõe o

estado (rousseauiano) que não se dirige simplesmente a sujeitos de vontade, ao contrário, seu propósito é “criar o tipo de sujeito a quem ele poderá dirigir seus apelos”.^{xl}

A estética como uma ideologia hegemônica, como instrumento que o poder se utiliza para sustentação do poder pelo consentimento, carece de criar nas pessoas o gosto.

Por esta razão a educação cumpre um papel importante para a introjeção ideológica. Na nossa sociedade, somos educados não somente pela educação formal, mas também pelos meios de comunicação (televisão, rádio, internet, etc.), um importante veiculador da ideologia. Em relação à questão da educação, percebemos nesse tipo de fonte a preocupação em valorizar o papel da imprensa, assim como das instituições educacionais, como fomentadora de aspirações de uma sociedade que se quer moderna.

[Em Cuiabá] A imprensa – parâmetro pelo qual se mede o valor global de uma sociedade e seus níveis de aspirações. Com cinco jornais diários – Correio da Imprensa, Diário de Cuiabá, Diário de Mato Grosso, Equipe e O Estado de Mato Grosso – três emissoras de rádio – A Voz D’Oeste, Difusora e Cultura – e duas emissoras de televisão – Centro América e, em breve, o Canal 8, da rede Brasil Oeste. (...) Outro aspecto que deve ser ressaltado se refere ao setor educacional. Possuindo 25 cursos implantados – sendo 4 de curta duração – a Universidade Federal de Mato Grosso, comumente chamada de Universidade da Selva, se prepara para criar mais 5 cursos: medicina, engenharia sanitária, História, Nutrição e Medicina Veterinária. (...) a UFMT adota uma política de qualificação (...) voltada para os problemas da Amazônia. (...) Enfim como centro aglutinador de diversificadas correntes culturais (...) Cuiabá fundindo o sangue dos bandeirantes garimpeiros ao ímpeto dos homens que agora se lançam à conquista (...) transformar-se-[ã] num centro polarizador não só econômico, mas cultural e científico da região (...).^{xli}

Podemos considerar que a imprensa e a academia tinham um papel primordial nesse momento pelo qual a cidade estava passando. Primeiro, pela necessidade de veicular e educar as pessoas para aquilo que a cidade queria se transformar: num centro polarizador econômico, cultural e científico da região. Segundo, o fato que receber um grande número de migrantes é algo que a cidade teria que lidar no sentido dos “choques culturais” que estavam acontecendo, mas que particularmente nessa fonte não fica tão evidente.

Preparar os cuiabanos, assim como aqueles que aqui chegavam, vindos de fora, a partir de um discurso que homogeneíza os conflitos, é o que a ideologia pretende fazer, demonstrando que o preço pago pelas mudanças na cidade valeria a pena em prol de um coletivo e da própria Nação.

Em *Ideologia*: uma introdução, Terry Eagleton destaca que:

as ideologias, para serem verdadeiramente eficazes, devem dar algum sentido, por menor que seja, à experiência das pessoas; devem ajustar-se, em alguma medida, ao que elas conhecem da realidade social com base em sua interação prática com esta. Como nos lembra Jon Elster, as ideologias dominantes podem

moldar-se ativamente as necessidades e os desejos daqueles a quem elas submetem; mas devem também comprometer-se, de maneira significativa, com as necessidades e desejos que as pessoas já têm, captar esperanças e carências genuínas, refleti-las em seu idioma próprio e específico e retorná-las a seus sujeitos de modo a converterem-se em ideologias plausíveis e atraentes. Devem ser “reais” o bastante para propiciar a base sobre a qual os indivíduos possam moldar uma identidade coerente, devem fornecer motivações sólidas para a ação efetiva, e devem empenhar-se, o mínimo que seja, para explicar as suas contradições e incoerências mais flagrantes. Em resumo, para terem êxito, as ideologias devem ser mais do que ilusões impostas e, a despeito de todas as suas inconsistências, devem comunicar a seus sujeitos uma versão da realidade social que seja real e reconhecível o bastante para não ser peremptoriamente rejeitada.^{xliii}

O preço pago pela mudança tinha que ter alguma recompensa para os sujeitos que veem a cidade e seus “lugares de memória” sendo destruídos ou modificados. Outros precisavam ser colocados no lugar e substituídos. Algo tem que compensar a fragmentação da sua identidade com a cidade, tanto em termos de sua materialidade como de sua sensibilidade para dar uma coesão. A sua tradição e cultura não podem ser totalmente perdidas, mas têm de ser ressignificadas, para a modernidade adentrar o espaço.

Como observa Terry Eagleton, em *A ideologia da estética*, se a estética chegou a ter o poder que tem no século XVIII é porque a palavra sintetiza um projeto de hegemonia, a introjeção massiva da razão abstrata na vida dos sentidos. O que interessa não é a arte primeiramente, mas um processo de reforma do sujeito a partir de dentro, informando seus mais sutis afetos e respostas corporais com esta lei que não é uma lei. Se a política e a estética, a virtude e a beleza acham-se unidas, a conduta prazerosa é a indicação do sucesso da hegemonia.

Com o título “O despertar de uma cidade”, como se Cuiabá fosse um indivíduo que acordou de um sono profundo, o artigo na revista tece considerações sobre o processo em curso de modernização na capital:

a Cuiabá de hoje, mercê de sua estratégica posição de portão de entrada para toda a Amazônia ocidental, apesar de guardar no seu conjunto aspectos ainda marcantes de uma arquitetura barroca que lembra o apogeu do ouro, possui já arrojados edifícios, avenidas largas que, num caldeamento típico de uma aglomeração urbana em ritmo intenso de transformação, se fundem com as estreitas vielas antigas, algumas delas transformadas hoje em tranquilos calçadões. (...) Cuiabá beneficiou-se, especialmente nos últimos dez anos, de uma gama de incrementos que o Governo Federal destinou à ocupação da rica região. Assim é que das tortuosas ruas, dos velhos edifícios, das cadeiras nas calçadas que já se perderam no tempo, Cuiabá passou a ter vias movimentadíssimas, ocupadas hoje por mais de 36 mil veículos que contrastam com os pouco mais de 5 mil de poucos anos atrás, além de um exuberante e variado comércio que oferece toda a gama de produtos, utensílios e equipamentos, que dão ao moderno conquistador da Amazônia os instrumentos necessários para as novas “bandeiras”. (...) De “Eterna Capital de Mato Grosso”, denominação que sustenta ainda com orgulho, Cuiabá passou a ser,

repentinamente como se está processando a ocupação da Amazônia, uma jovem capital, com o desenvolvimento palpável, flagrante e, com este, todos os problemas a ele inerentes. De um quase torpor que a dominou por alguns longos anos, a hoje exuberante capital mato-grossense despertou rapidamente e este surto de desenvolvimento que certamente se prolongará ao longo das décadas em que se for caldeando a ocupação amazônica. Vista de um de seus hoje inúmeros altos edifícios, a Cuiabá atual tem todas as características de uma cidade jovem, embora não tenha perdido certas características arquitetônicas e urbanísticas que lhe são peculiares. Mas a “roupa nova” está custando e haverá de custar altos preços às administrações.^{xliii}

Nesta citação identificamos novamente veiculada a ideia de Cuiabá como portal da Amazônia, de “eterna capital de Mato Grosso”. A cidade se torna repentinamente uma jovem capital, revitalizada, por causa do desenvolvimento flagrante. Interessante destacar neste texto a ideia de um caldeamento (fusão) da velha cidade, do período colonial, com a nova, que está se modernizando, como se fosse um amálgama. O aumento no volume de carros, os prédios e as ruas largas, o comércio de utensílios e equipamentos comprovariam, por meio desse material de propaganda, à disposição para o moderno conquistador da Amazônia. Algumas palavras utilizadas como “torpor”, um estado de sensibilidade reduzida, marasmo de longos anos, estaria vinculada ao discurso do isolamento da cidade. E o de “surto”, uma irrupção, um impulso, a nova fase da cidade que se moderniza e se transforma.^{xliv}

Esse discurso pretende produzir um efeito nas pessoas. Vemos que o desenvolvimento e a modernização estão sempre ligados a algo novo (“jovem capital”, “roupa nova”, “cidade jovem”) e a beleza (“exuberante capital”). A cidade é como um corpo e para que ela se torne moderna ela tem que passar por uma mudança estética. Esse discurso tem um efeito ideológico de veicular e difundir o novo, mas não um novo em detrimento do velho. O que faz Cuiabá ser a “Eterna capital” é justamente a sua tradição, a sua história que deu origem a Mato Grosso. Ela é a cidade mãe, símbolo do Estado e da identidade mato-grossense.

É marcante nas fontes que temos analisado, tanto em jornais como em revistas, a ideia de Cuiabá como portal de entrada para a Amazônia Ocidental. Neste fragmento não é diferente. Esse discurso foi fortemente vinculado na década de 1970, no governo militar, onde caberia a Mato Grosso a responsabilidade de integração da Amazônia, como o caminho natural das grandes correntes de povoamento. E Cuiabá, a bicentenária capital, seria a base econômica e cultural para essa integração. Esse ideário fazia parte da geopolítica do governo militar de 1964, muito vinculado ao General Golbery do Couto e Silva, em sua obra *Geopolítica do Brasil*.^{xlv}

O discurso da integração nacional foi amplamente difundido e propagandeado pelo poder. Era uma forma de demonstrar que o esforço de modernização da cidade e a vinda de migrantes buscavam integrar não somente Mato Grosso à nação por meio dos chamados “espaços vazios”, mas, também integrar a nação ao capitalismo de produção.

Nessa busca incessante de integrar os diferentes espaços e culturas regionais no interior de uma hegemonia estatal, o discurso integracionista, da década de 1960 e 1970 pela ditadura militar, encarnou o desejo de uma produção capitalista contemporânea assentada no movimento de ocupação e expansão das frentes pioneiras de colonização do Centro-Oeste e da Amazônia, cujo fluxo migratório Cuiabá se tornou a rota principal.^{xlvi}

A cidade res(significada): as obras de revitalização de Cuiabá

Anteriormente havíamos comentado que boa parte das obras de modernização da cidade de Cuiabá tinha como objetivo manter a sua condição de capital. Para demonstrar como esse era um dos fatores que movia a realização dessas obras, tomamos por base uma fala do memorialista João Moreira de Barros, em seu livro *Cuiabá de hoje*, que nos esclarece, ao se referir às obras no governo do interventor Júlio Müller^{xlvi}, “vimos que [este] realizou uma série de obras em Cuiabá que a tornaram capaz de responder pela sua condição de Capital. É por isso que se diz que essas obras sofream o desejo mudancista ou divisionista sempre existente por parte dos sulistas.”^{xlvi}

A partir do final dos anos 1970, a capital mato-grossense recebeu um grande fluxo migratório de pessoas para as novas frentes de expansão agrícola no interior do Estado que não foram bem sucedidas. Daí a necessidade de construção de núcleos habitacionais, como por exemplo, o Centro Político e Administrativo I (CPA-I). Esse conjunto habitacional popular, construído entre 1977 e 1978, passou a ser o Centro Político Administrativo Setor I, que visava assentar a população envolvida em projetos migratórios.

Nos últimos cinquenta anos, principalmente nos anos 1980, segundo Cornélio Silvano Vilarinho Neto, “a capital mato-grossense vem apresentando inovações em seus padrões de construção, tanto residencial como comercial, utilizando tecnologias sofisticadas, sobretudo na construção de edifícios”. O processo de verticalização dos espaços da cidade, ao lado da abertura de avenidas e construção de viadutos, “definiu novas paisagens urbanas, contextualizadas no processo de metropolização e de configuração da Rede Urbana Estadual”.^{xlix}

A implantação do Centro Político Administrativo (CPA), por exemplo, que abriga a sede do Governo do Estado e de órgãos da administração estadual estimulou a produção de outros espaços urbanos em seu entorno, onde hoje podem ser encontrados setores comerciais, bairros residenciais de alto poder aquisitivo, de classe média, bairro populares e ainda favelas.ⁱ

O memorialista Lenine Póvoas, em sua obra *Mato Grosso um convite à fortuna*, diz que a obra foi projetada no Governo de José Fragelli (1971-1975) para abrigar as repartições públicas do Estado, oneradas com o preço dos imóveis alugados. O CPA de Mato Grosso diferente de outras capitais do país,

foi concebido com ambições mais largas, quais sejam a de se constituir numa nova cidade, com áreas destinadas a prédios públicos, áreas destinadas a bairros residenciais de alto nível a popular, parque zoobotânico, aeroporto privativo do Governo, zona para Departamentos governamentais que exigem grandes áreas para grandes instalações, tudo separado por largos e interligados pelos eixos rodoviários.ⁱⁱ

O Centro Político-Administrativo, segundo o autor, seria uma perfeita réplica de Brasília, que surge ao lado da velha Cuiabá, construída sobre o sistema de módulos, podendo ser aumentados muitas vezes fosse necessário. O seu conjunto arquitetônico e paisagístico foi concebido para atender também à expansão urbana de Cuiabá, consolidando a administração estadual. Os prédios foram construídos, nas palavras de Lenine Póvoas, visando o futuro de uma administração que se multiplica num Estado que cresce a cada hora que passaⁱⁱⁱ. E prossegue,

será o CPA, a Cuiabá do futuro. Vários Governos estaduais se sucederão, construindo-a paulatinamente. (...) Mas o absolutamente certo, é que num futuro muito mais próximo do que se possa supor, haverá uma Cuiabá moderníssima, uma Cuiabá do século XXI, ao lado da velha e tradicional cidade, cantada nos versos do imortal Dom Aquino Correia.ⁱⁱⁱⁱ

Os discursos presentes nessas fontes são sempre em tom de exaltação da modernidade, da tradição e da cultura cuiabana. O velho e o novo que se misturam e se harmonizam no corpo da cidade, sem perder sua identidade. O tom ufanista nunca é desinteressado, ambiciona surtir um efeito naquele que o lê, a certeza e a confiança de que a cidade está no rumo certo – a Cuiabá do século XXI.

A cidade do século XXI ainda não existe, mas esse tipo de discurso cria uma necessidade em seus sujeitos que agora desejam mais do que nunca essa cidade em ritmo de desenvolvimento, levando a uma expectativa sobre o seu futuro. Como observa Terry

Eagleton, o sujeito que doa a si, a partir de si mesmo, por uma vontade geral, que encontra a sua liberdade na necessidade - é modelado no objeto estético. O cidadão que renega o seu particularismo “mau” – seus desejos estreitamente egoístas – e através de uma “vontade geral”, identifica-se com o bem de todos; ele mantém a sua identidade singular, mas agora num compromisso desinteressado com o bem comum.^{liv}

Outra importante obra da cidade, nesse contexto de modernização, foi a inauguração, em 1979, do Terminal Rodoviário Engenheiro Cássio Vieira de Sá, na avenida Miguel Sutil, considerado um dos maiores da América Latina. Na revista *Cuiabá: início, meio ou fim?*, identificamos as seguintes considerações:

o moderno e majestoso terminal rodoviário, o mais moderno complexo rodoviário da América Latina, que a cidade ganha este ano de seu 260º aniversário é prova desse esforço para se dotar a cidade desses importantes mecanismos para o seu progresso. (...) O moderníssimo Terminal Rodoviário de Cuiabá terá uma área construída de 21 mil metros quadrados, sendo 13 mil deles de área coberta. Com possibilidade de suportar 16 partidas e chegadas simultâneas de ônibus, o Terminal tem capacidade para liberar 64 partidas de veículos por hora. (...) A moderna Estação Rodoviária de Cuiabá desempenhará, assim, importante papel não só para a consolidação da cidade como portal amazônico, mas também ao desafogo de urgentes problemas urbanos que a cidade fundada há 260 anos vive ainda hoje devido, fundamentalmente, ao seu surgimento espontâneo.^{lv}

A construção desse moderno Terminal Rodoviário facilitaria a vida daqueles que aqui chegavam todos os dias em direção às frentes de expansão agrícola no interior do Estado.

As transformações da paisagem urbana de Cuiabá, visando a sua modernização, por meio de obras como a construção de prédios públicos, edifícios residenciais e empresariais e novos bairros, a abertura de avenidas e viadutos – alterando o traçado das ruas, a canalização de córregos e a reforma das praças provocaram mudanças nas maneiras da população viver, trabalhar e transitar pela cidade. Os antigos espaços de sociabilidade eram destruídos ou revitalizados, ganhando novos contornos e usos. Outros lugares eram criados, abrindo frentes de expansão (des)ordenada da cidade.

Com a construção de avenidas largas e modernas, novos prédios e viadutos, uma nova estética da cidade começa a surgir. A sua “roupa nova”, o seu corpo moderno com novos contornos e uma nova forma de ser da cidade passam a modificar o sentido que as pessoas têm sobre ela, assim como os seus costumes, gosto, comportamento, criando novas subjetividades. É a cidade como propaganda nos seus altos prédios com outdoors. Uma nova forma de ser, sentir e pensar a cidade que modifica o seu significado também.

Considerações finais

O início da década de 1980 trouxe a produção de uma “nova” sensibilidade urbana, intimamente ligada a uma produção de identidades, o que confirma o forte caráter identitário da política moderna.^{lvi} Os administradores da cultura cuiabana passaram a ser influenciados pelo dispositivo das nacionalidades e do discurso nacional-popular.

Segundo Suzana Guimarães, com um discurso articulado sobre o direito às raízes e à identidade (via tradição, folclore, letras, educação e artes),

os promotores da *cuiabania* (referimo-nos aqui a todas as pessoas: artistas, diretores, secretários, professores etc. que, de alguma forma, estiveram envolvidas na construção dessa ideia) conseguiram executar um plano de ação cultural bastante eficiente e que resultou na consagração da pintura como o veículo mais perfeito da cultura cuiabana. Ao tomar o povo cuiabano como tema privilegiado, seu cotidiano, os trabalhos, a religiosidade e as formas de divertimentos (...).^{lvii}

A arte passa dos ateliês para as praças, da galeria para a rodoviária e do museu para os muros e empenas de prédios da cidade, “a arte na rua funcionava e ainda funciona como uma máquina de produção de sentidos e significados, atravessando todo o campo social.”^{lviii} Com pacus, tuiuiús, mangas e cajú, produziu-se uma marca regional, usada a partir daí segundo Guimarães compulsivamente, seja em catálogo de telefone, nas empenas de prédios que assim como nos muros e viadutos, estão preenchidas com painéis artísticos, trazendo a manga, o pintado, a piranha, o pescador e a Chapada dos Guimarães^{lix}.

A preocupação com a perda de uma “identidade cuiabana” fez com que emergissem alguns movimentos de valorização da cultura local, principalmente, por conta da vinda dos novos migrantes e da crítica destes aos costumes locais. A sensação de uma perda de uma identidade fez com que os intelectuais, artistas e políticos se lançassem na busca de um “resgate” dessa cultura.

O “resgate” dessa cultura seria realizado por uma elite através da cultura popular, elegendo aquilo que era considerado a tradição da cultura cuiabana, mas com uma roupagem moderna bem ao gosto da classe média, principalmente por meio das artes plásticas. Ou seja, aquilo que poderia parecer um discurso de resistência ao moderno e a cultura de elite era a apropriação por ela mesma da cultura popular, aliando tanto a tradição como a modernidade – o projeto que a move a partir da estética.

As festas de São Benedito e do Divino, as danças típicas do cururu e do siriri, a viola de cocho eram “resgatadas” e redimensionadas com vista à produção dessa

identidade. Na revista *Cuiabá 259*, destacamos posições de defesa acerca das tradições locais:

todo esse conjunto de manifestações dos sentimentos populares, assimilados e somados ao longo de dois séculos e meio, preservados até agora graças aos esforços desse mesmo povo, está a merecer, entretanto, maior divulgação, para que os migrantes que dia-dia chegam a Cuiabá de hoje, vivendo de perto estas tradições e esses valores, ao contrário de contribuir para a perda da identidade que a cidade criou nesses dois séculos e meio, possam ajudar a manter a memória comum, fundamentada exatamente na preservação da cultura popular.^{lx}

Assistiu-se em Cuiabá, nesse período, o surgimento de vários movimentos sociais, intitulados preservacionistas dos bens e valores cuiabanos considerados ameaçados diante dos impactos produzidos pelo processo de modernização. Esses movimentos privilegiaram o impacto sobre a cultura e tentaram defender uma identidade cuiabana.

Além das obras de modernização, nos anos 1980 temos o tombamento do centro histórico, dando um novo sentido para o espaço do poder político esvaziado com a transferência do governo estadual para a região do CPA. Além disso, desenvolvem-se uma série de ações voltadas para a construção de museus e de centros de memória. Há também a proliferação de discursos sobre a memória – a Cuiabá de outrora em verso e prosa. A obsessão pela busca das identidades passadas é marcante neste período que a cidade vivencia. O consumo dos espaços estéticos pela população e pelos turistas passa a ser empreendido pelos agentes culturais, vinculados ao Estado e município. Temos uma Cuiabá transformada em objeto de consumo, de desejo.

A busca da identidade perdida por intermédio da estética, enquanto uma ideologia da classe dominante vai ser acionada para tentar dar coesão a essa sociedade. Um jeito de ser cuiabano vai ser produzido, difundido e comercializado nas mais diversas formas comerciais e materiais, como bens de consumo e com a chancela cultural “regional”. Verdadeiras jornadas de conscientização, como afirma Suzana Guimarães, vão ser desenvolvidas. Ideias como folclore, memória, turismo, patrimônio, afirmavam-se vinculadas a uma nacionalidade e à legitimação de Cuiabá como o centro da produção cultural regional mato-grossense.

Uma determinada cultura cuiabana passa a partir desse momento a ser inventada com base no que foi eleito como valores e tradições da cultura popular, aliando o que é tradicional com o que é moderno. Isso possibilitou a criação de um gosto estético cuiabano, que passa a ser vendido e consumido tanto pela população local como por turistas que visitam a cidade como uma marca ou uma *etiqueta*^{lxi}.

Fontes

BARROS, João Moreira de. *Cuiabá de hoje*. Cuiabá: IHGMT, 1984.

Cuiabá 259. Número Especial de Aniversário. Cuiabá, 1978.

Cuiabá 260: início, meio ou fim? Número Especial de Aniversário. Cuiabá, 1979.

Relatório sobre a situação do Estado de Mato Grosso entregue pelo Governador Cássio Leite de Campos ao Presidente João Baptista Figueiredo. (1979).

PÓVOAS, Lenine. *Mato Grosso um convite à fortuna*. Rio de Janeiro: Guaira, 1977.

Referências bibliográficas

ABUD, Katia Maria. *O sangue intemorato e as nobilíssimas tradições* (a construção de um símbolo paulista: o Bandeirante). 1985. Tese (Doutorado em História Social) – São Paulo, Universidade de São Paulo, 1985.

BARBOSA, Muryatan Santana. Eurocentrismo, História e História da África. *Sankofa*. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana. São Paulo, vol. 01, pp. 46-62, jun. 2008.

BEZERRA, Sílvia Ramos. Contradições culturais do cortejo triunfante da modernidade em Cuiabá. *Fênix: Revista de História e Estudos Culturais*. Uberlândia, vol. 05, n. 03, 2008.

BOMFIM, Márcia. *As engrenagens da cidade: Centralidade e poder em Cuiabá na segunda metade do século XX*. Cuiabá: EdUFMT; Carlini Caniato, 2010.

BRANDÃO, Ludmila. *A Catedral e a Cidade: uma abordagem da educação como prática social*. Cuiabá: Ed. da UFMT, 1997.

CONTE, Claudio Quoos e FREIRE, Marcus Vinicius De Lamonica. *Centro Histórico de Cuiabá: Patrimônio do Brasil*. Cuiabá: Entrelinhas, 2005.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

_____, Terry. *A ideologia da estética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

_____, Terry. *Ideologia: uma introdução*. São Paulo: Editora UNESP; Boitempo, 1997.

FREIRE, Júlio Delamonica. *Por uma poética popular da Arquitetura*. Cuiabá: EdUFMT, 1997.

GALETTI, Lylia da Silva Guedes. *Nos confins da civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso*. 2000. Tese (Doutorado em História) – São Paulo, Universidade de São Paulo, 2000.

GARCIA, Romyr Conde. *Mato Grosso (1800-1840): crise e estagnação do projeto colonial*. 2003. Tese (Doutorado em História) – São Paulo, Universidade de São Paulo, 2003.

- GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *A Lenda do Ouro Verde: política de colonização no Brasil contemporâneo*. Cuiabá: UNICEN; UNESCO, 2002.
- GUIMARÃES, Suzana. *Arte na rua: O imperativo da natureza*. Cuiabá: EdUFMT; Carlini e Caniato, 2007.
- JOANONI, Vitale. *Fronteiras da crença: Ocupação do Norte de Mato Grosso após 1970*. Cuiabá: Ed. da UFMT; Carlini Caniato, 2007.
- MACIEL, Laura Antunes. *A capital de Mato Grosso*. 1992. Dissertação (Mestrado em História) – São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1992.
- MENDONÇA, Estevão de. *Quadro Chorográfico de Mato Grosso*. Cuiabá: Escolas Profissionais Salesianas, 1906.
- MORENO, Gislaene e HIGA, Tereza Cristina Souza (orgs.). *Geografia de Mato Grosso: território, sociedade, ambiente*. Cuiabá, Entrelinhas, 2005.
- MURTINHO, Max Nunes. *Análise econômica da divisão de Mato Grosso (1970-2000)*. 2009. Dissertação (Mestrado em Agronegócio e Desenvolvimento Regional) – Cuiabá, Universidade Federal de Mato Grosso, 2009.
- HARDT, Michael e NEGRI, Antonio. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- RICARDO, Cassiano. *Marcha para Oeste: a influência da Bandeira na formação social do Brasil*. 4 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.
- SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais*. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.

* Uma versão anterior deste artigo foi apresentada como trabalho final da disciplina “Territórios da História”, do Programa de Pós-Graduação em História/UFMT, no primeiro semestre de 2012.

ⁱ Cuiabá 260: início, meio ou fim? Número Especial de Aniversário. Cuiabá, 1979, p. 05.

ⁱⁱ Lembramos que “estagnação”, “atraso” e “isolamento” foram discursos produzidos sobre Mato Grosso ao longo de sua história. Discursos estes que construíram uma imagem negativa sobre o Estado e a sua população, representando-os como incivilizados, bárbaros e incultos. Sobre as representações produzidas sobre os mato-grossenses, cf. GALETTI, Lylia da Silva Guedes. *Nos confins da civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso*. 2000. Tese (Doutorado em História) – São Paulo, Universidade de São Paulo, 2000.

ⁱⁱⁱ Idem, p. 03.

^{iv} Ibidem.

^v Ao longo do século XX, Cuiabá e Campo Grande protagonizaram constantes disputas pela condição de capital do Estado de Mato Grosso por causa das suas diferenças econômicas e sociopolíticas, principalmente pela dificuldade de comunicação entre elas, sendo a primeira localizada ao norte do Estado e a segunda ao sul, desembocando em regionalismo nas duas partes, sendo o seu resultado o divisionismo. Campo Grande, ao contrário de Cuiabá era considerada uma cidade “moderna”, “limpa” e “desenvolvida”, o oposto de Cuiabá – “suja”, “velha” e “atrasada”.

^{vi} BOMFIM, Márcia. *As engrenagens da cidade: Centralidade e poder em Cuiabá na segunda metade do século XX*. Cuiabá: EdUFMT; Carlini Caniato, 2010, citando ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

^{vii} Idem. p. 21.

^{viii} Ibidem. p. 21.

^{ix} MENDONÇA, Estevão de. *Quadro Chorográfico de Mato Grosso*. Cuiabá: Escolas Profissionais Salesianas, 1906, p. 91-92. Com base nos escritos de Estevão de Mendonça, Laura Antunes Maciel afirma que “fundado em 1719, em função da descoberta de ouro, o arraial de Cuiabá foi elevado, após 8 anos, à categoria de Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá, e em 1818, através da Carta Régia, transformada em cidade. (...) [Em] 1835, (...) pela lei provincial nº 19, Cuiabá foi declarada a nova capital da Província (...)”. MACIEL, Laura Antunes. *A capital de Mato Grosso*. 1992. Dissertação (Mestrado em História) – São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1992, p. 51.

^x Idem, p. 22.

^{xi} BEZERRA, Silvia Ramos. Contradições culturais do cortejo triunfante da modernidade em Cuiabá. *Fênix: Revista de História e Estudos Culturais*. Uberlândia, vol. 05, n. 03, 2008, p. 04.

^{xii} GALLETI, Lylia da Silva Guedes. Op. Cit. p. 124.

^{xiii} Cf. SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais*. Cuiabá: Entrelinhas, 2002, p. 229.

^{xiv} Este obra é um ensaio sociológico que propõe apresentar um projeto de nação e os caminhos para a execução desse projeto, tendo à frente um governo forte, liderado por um chefe [Getúlio Vargas] dotado das qualidades semelhantes às dos “cabos-de-tropa”, comandantes das bandeiras do início da colonização.

^{xv} ABUD, Katia Maria. *O sangue intemorato e as nobilíssimas tradições* (a construção de um símbolo paulista: o Bandeirante). 1985. Tese (Doutorado em História Social) – São Paulo, Universidade de São Paulo, 1985, p. 181-202.

^{xvi} RICARDO, Cassiano. *Marcha para Oeste: a influência da Bandeira na formação social do Brasil*. 4 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970. p. 652.

^{xvii} CONTE, Claudio Quoos e FREIRE, Marcus Vinicius De Lamônica. *Centro Histórico de Cuiabá: Patrimônio do Brasil*. Cuiabá: Entrelinhas, 2005, p. 24

^{xviii} Idem, p. 25.

^{xix} Com relação aos impactos deste processo de modernização da cidade de Cuiabá a partir dos anos 1960, cf. BRANDÃO, Ludmila. *A Catedral e a cidade: uma abordagem da educação como prática social*. Cuiabá: EdUFMT, 1997; FREIRE, Júlio Delamonica. *Por uma poética popular da Arquitetura*. Cuiabá: EdUFMT, 1997; BOMFIM, Márcia. Op. Cit.

^{xx} GUIMARÃES, Suzana. *Arte na rua: O imperativo da natureza*. Cuiabá: Ed. da UFMT; Carlini e Caniato, 2007. p. 37.

^{xxi} Idem p. 27.

^{xxii} GUIMARÃES, Suzana. Op. Cit. p. 38.

^{xxiii} Foi lançado, no ano de 1970, pelo governo da Ditadura Militar, o Plano de Integração Nacional (PIN), que objetivava a efetiva ocupação da Amazônia Legal através da vinda de migrantes, de várias partes do país para expansão da fronteira agrícola. A integração amazônica foi continuada com o lançamento do PRODOESTE (Programa do Desenvolvimento do Centro-Oeste), em 1971 e pelo II PIN (Plano Nacional de Desenvolvimento), no ano de 1974. Com eles, o número de rodovias aumentou de duas para seis: BR-070, BR-163, BR-262, BR-364, BR 376 e BR-463, que interligaram Mato Grosso às principais capitais. As terras que se situavam em Mato Grosso e na Amazônia eram vistas como “espaços vazios”, sendo necessária a sua ocupação. Foram elaborados então nesse período projetos de colonização oficial, objetivando o assentamento de pequenos e médios produtores na região ao longo das rodovias em terras de propriedade do Estado, além da colonização particulares, realizada por empresas que atraíam nesse caso maior número de colonos. SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. Op. Cit., p. 235-236. A respeito da história da colonização, realizadas por empresas privadas em Mato Grosso, após 1970 voltadas para o controle político do território amazônico, cf. GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *A Lenda do Ouro Verde: política de colonização no Brasil contemporâneo*. Cuiabá: UNICEN; UNESCO, 2002; JOANONI NETO, Vitale. *Fronteiras da crença: A ocupação do norte de Mato Grosso após 1970*. Cuiabá: EdUFMT, 2007.

^{xxiv} MORENO, Gislaene e HIGA, Tereza Cristina Souza (orgs.). *Geografia de Mato Grosso: território, sociedade, ambiente*. Cuiabá, Entrelinhas, 2005, p. 39; MURTINHO, Max Nunes. *Análise econômica da divisão de Mato Grosso (1970-2000)*. 2009. Dissertação (Mestrado em Agronegócio e Desenvolvimento Regional) – Cuiabá, Universidade Federal de Mato Grosso, 2009.

^{xxv} Neste trabalho, que tem como recorte temporal o ano de 1872 até os dias atuais o autor busca entender porque a estrada de Ferro Noroeste do Brasil nunca chegou à cidade. Por meio de entrevistas com pessoas letradas de Cuiabá, Borges evidencia no imaginário da população a idéia de um futuro desenvolvido para Cuiabá representado pelo trem (que nunca chegou) como símbolo da modernidade e do progresso. O projeto original de 1904 de Gonzaga de Campos ligaria Bauru a Cuiabá. A construção inicia-se em 1905 e em 1907, o traçado foi desviado para Corumbá ao sul do Mato Grosso uno, objetivando ligar o Atlântico

com o Pacífico por causa de acordos políticos entre Brasil e Bolívia. Cuiabá ficou sem o trem, mas continuou a sonhar com ele ao longo de todo o século XX e início do XXI.

^{xxvi} EAGLETON, Terry. *A idéia de cultura*. São Paulo: Ed. UNESP, 2011, p. 76.

^{xxvii} Cf. BARBOSA, Muryatan Santana. Eurocentrismo, História e História da África. *Sankofa*. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana. São Paulo, vol. 01, pp. 46-62, jun. 2008. Disponível em: ><https://sites.google.com/site/revistasankofa/sankofa-01/eurocentrismo-historia-e-historia-da-africa>>. Acesso em: 09 fev. 2013.

^{xxviii} O que os autores chamam de Império é um processo que vem ocorrendo na esteira do processo de globalização onde a soberania do Estado-nação, apesar de eficaz, tem diminuído seu poder na regulação de produção e troca – dinheiro, tecnologia, pessoas, bens. Essas relações têm passado acima das fronteiras nacionais. Como explicitam os autores: “Em contraste com o Imperialismo [extensão da soberania dos Estados-nação europeus além de suas fronteiras], o Império não estabelece um centro territorial de poder, nem se baseia em fronteiras ou barreiras fixas. É um aparelho de *descentralização* e *desterritorialização* do geral que incorpora gradualmente o mundo inteiro dentro de suas fronteiras abertas e em expansão. O Império administra entidades híbridas, hierarquias flexíveis e permutas plurais por meio de estruturas de comando reguladoras (...)” (Prefácio, p. 13). HARDT, Michael e NEGRI, Antonio. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 88.

^{xxix} Idem, p. 88.

^{xxx} Ibidem. p. 131-132.

^{xxxi} Ibidem, p.103.

^{xxxii} *Cuiabá 259*. Número Especial de Aniversário. Cuiabá, 1978, p. 01. Essa revista foi produzida como consta no editorial com o apoio da classe empresarial local e incentivo do governo estadual e municipal.

^{xxxiii} Estas revistas que estamos utilizando como fonte foram produzidas, ao que tudo indica, a pedido do governo do Estado de Mato Grosso que aproveitando o momento de comemoração do aniversário de Cuiabá e, tendo como objetivo, a divulgação e distribuição para a população para um balanço da situação vivida pela cidade naquele momento de pré-divisão e de pós-divisão do Estado, como também as suas perspectivas para o futuro.

^{xxxiv} *Cuiabá 259*, p. 05.

^{xxxv} BRANDÃO, Ludmila de Lima. Op. Cit., p. 292.

^{xxxvi} *Cuiabá 259*, p. 13.

^{xxxvii} Idem, p. 13.

^{xxxviii} EAGLETON, Terry. *A ideologia da estética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993, p. 12.

^{xxxix} Idem, p. 28.

^{xl} Ibidem, p. 25.

^{xli} *Cuiabá 259*, p. 9-10.

^{xlii} EAGLETON, Terry. *Ideologia: uma introdução*. São Paulo: Ed. UNESP; Boitempo, 1997, p. 27.

^{xliii} *Cuiabá 259*, p. 15.

^{xliv} Segundo Romyr Conde Garcia, a tese do isolamento, sustentada até meados da década de 1970, seria uma espécie de história oficial hegemônica de Mato Grosso, vinculado ao IHGMT, tendo como expoente máximo Virgílio Corrêa Filho. Posteriormente ganha força a tese do não isolamento, especialmente a partir de 1977 com a divisão do Estado, com trabalhos vinculados ao departamento de História da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), principalmente o do historiador Alcir Lenharo. Essa tese procurava demonstrar que Mato Grosso sempre esteve integrado a outras partes do país, não sendo uma região isolada. Cf. GARCIA, Romyr Conde. *Mato Grosso (1800-1840): crise e estagnação do projeto colonial*. 2003. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

^{xlvi} Relatório sobre a situação do Estado de Mato Grosso entregue pelo Governador Cássio Leite de Campos ao Presidente João Baptista Figueiredo. (1979).

^{xlvii} Segundo Regina Beatriz Guimarães Neto, a analogia entre o “bandeirante” e o imigrante que participa da nova Marcha para Oeste, nas três últimas décadas do século XX, é nítida. O retrato que Getúlio Vargas havia criado – o pioneiro como o bandeirante moderno, símbolo da grandeza da pátria – ressurgiu com uma nova roupagem.

Levando adiante o percurso do “espírito bandeirante” pelos tempos afora, ou pela história oficial adentro, de Getúlio Vargas a Emílio Garrastazu Médici, a obra de Cassiano Ricardo – *Marcha para Oeste* – incentivada pelo Governo Vargas, em 1940, reaparece em 1970, com o anúncio da construção da Transamazônica.

Como um fantasma que vagueia pela história do Brasil, como observa Regina Beatriz Guimarães Neto, e por que não na História de Mato Grosso e de sua capital, o “espírito bandeirante” se incorpora às falas oficiais para ditar as ordens aos soldados da nação – os migrantes. O governo Médici foi um dos

momentos privilegiados dessa história, em que o fantasma tomou corpo, do alto do Planalto, apontando para a Amazônia. Cf. GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *Op. Cit.*, 2002.

^{xlvii} Em seu governo foram construídas o Tesouro do Estado, o Palácio Arquiepiscopal, o Clube Feminino, o Cine Teatro Cuiabá, o Grande Hotel, assim como abriu avenidas e ruas como a rua Joaquim Murtinho e avenida Getúlio Vargas. Cf. SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *Op. Cit.*, p. 201.

^{xlviii} BARROS, João Moreira de. *Cuiabá de hoje*. Cuiabá: IHGMT, 1984, p. 21.

^{xlix} Por outro lado, nos últimos anos, ocorreu uma considerável periferização das classes de menor poder aquisitivo, sendo Cuiabá a cidade do Estado com maior número de favelas.

^l O Palácio Paiguás foi construído entre 1973 e 1975 para abrigar a sede do governo do Estado. Os demais prédios das secretarias e autarquias estaduais foram instalados já na década de 1980. A concepção original do CPA era abrigar num mesmo espaço a administração estadual.

^{li} PÓVOAS, Lenine. *Mato Grosso um convite à fortuna*. Rio de Janeiro: Guaira, 1977, p. 71.

^{lii} Idem, p. 73.

^{liii} Ibidem, p. 74.

^{liv} EAGLETON, Terry. *A ideologia da estética*, p. 22-25.

^{lv} *Cuiabá 269: início, meio ou fim?*, p. 50-52.

^{lvi} GUIMARÃES, Suzana. *Arte na rua: O imperativo da natureza*. Cuiabá: Ed. da UFMT; Carlini e Caniato, 2007, p. 137.

^{lvii} Idem, p. 138.

^{lviii} Ibidem. p. 155.

^{lix} Idem.

^{lx} *Cuiabá 259*, p. 43

^{lxi} GUIMARÃES, Suzana. *Op. Cit.* p. 155.